

“Ser Traveco é Melhor que Mulher”:
**considerações preliminares acerca das
discursividades do desenvolvimentismo e da
heteronormatividade no mundo rural piauiense¹**

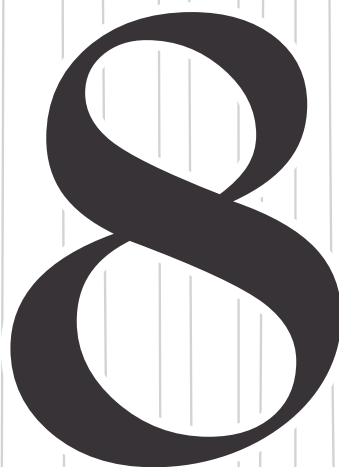
“Beeing Traveco is Better Than Beeing Woman”:
preliminary considerations about the discourses of
developmentalism and heteronormativity in rural Piauí, Brazil

Fabiano de Souza Gontijo

*Universidade Federal do Piauí, Doutor em Antropologia pela
École des Hautes Études en Sciences Sociales, Bolsista de Produtividade em
Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
fgontijo2@hotmail.com*

Francisca Célia da Silva Costa

*Universidade Federal do Piauí, Graduanda em Ciências Sociais
Bolsista de Iniciação Científica (CNPq)
chiquinhacelia@gmail.com*



Resumo

Trata-se aqui de apresentar algumas reflexões sobre a vivência da diversidade sexual e de gênero no contexto rural piauiense, em meio às discursividades hegemônicas do desenvolvimentismo e da heteronormatividade, a partir de uma pesquisa mais ampla que busca analisar, por um lado, as configurações familiares, as composições conjugais e os arranjos parentais e, por outro, as relações de gênero e seus repertórios – e também as práticas e *scripts* sexuais –, que estão na base dessas configurações, composições e arranjos, tendo como contexto as situações sociais geradoras das (novas) ruralidades contemporâneas.

Palavras-chave: Diversidade sexual e de gênero. Heteronormatividade. Desenvolvimentismo. Ruralidade. Piauí.

Abstract

This article presents some reflections on the experience of sexual and gender diversity in the rural zone of the state of Piauí, in Brazil, amid the hegemonic discourses of “developmentalism” and “heteronormativity”. This is part of a broader research project that explores the family configurations, conjugal compositions and parental arrangements, on the one hand and, on the other hand, gender repertoires - and sexual scripts - that underlie these configurations, compositions and arrangements, with the context generated by social situations that compose the everyday life in rural Brazil.

Keywords: Sexual and gender diversity. Heteronormativity. Developmentalism. Rurality. Piauí.

¹ Agradecemos a May Waddington Telles Ribeiro, Professora de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Piauí, e a Daniel Oliveira da Silva, Mestre em Antropologia e Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí, pelas conversas e pelos comentários. Agradecemos especialmente a Rafael Gaspar, Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, e a Daiany Santos Silva, Mestranda em Antropologia e Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí, pela leitura cuidadosa e pelas dicas preciosas. Ainda, agradecemos a Maria Elza Soares da Silva, Mestre em Antropologia e Arqueologia pela Universidade Federal do Piauí, por ter-nos apresentado à realidade da Fazenda Santa Clara. Este texto faz parte das atividades desenvolvidas durante o estágio de pós-doutorado que está em andamento no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2012-2013), sob a supervisão da Profa. Eli Napoleão de Lima.

No começo de 2010, foram iniciadas as atividades relativas à vigência do convênio firmado entre o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAArq) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e o Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O convênio se insere no Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – Ação Novas Fronteiras (PROCAD-NF) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), um projeto de pesquisa bastante amplo, geral, que abarca os diversos projetos de pesquisa individuais dos professores/pesquisadores integrantes do convênio². Esse projeto de pesquisa geral trata dos mais diversos tipos de impactos culturais locais de diferentes propostas de desenvolvimento econômico em curso no Piauí, notadamente aquelas ligadas à sojicultura, à apicultura, à celulose e à produção de biodiesel.

No âmbito do projeto geral, ficamos encarregados de analisar, particularmente, as configurações familiares, as composições conjugais e os arranjos parentais, por um lado, e, por outro lado, as relações de gênero – e também as práticas sexuais – que estão na base dessas configurações, composições e arranjos, tendo como contexto as situações sociais geradas pelas (novas) ruralidades contemporâneas³. Tratamos, assim, de *cartografar* as estruturas das famílias rurais piauienses envolvidas, direta ou indiretamente, nos grandes projetos de desenvolvimento econômico, *sociografar* a realidade cotidiana das famílias e *etnografar* as relações familiares, conjugais e parentais, tendo como mote a ideia de que as famílias que vivem no mundo rural estariam passando por importantes modificações em suas estruturas, o que poderia estar vinculado, dentre outros fatores, às consequências da efetivação do ideal desenvolvimentista no Piauí.

Um novo direcionamento foi dado ao projeto inicial a partir de conversas com uma estudante da primeira turma do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Piauí, Maria Elza Soares da Silva, que vinha estudando os “parceiros” (termo usado pelos camponeses em questão) envolvidos no projeto de “assentamento rural privado” (termo oficial) da Fazenda Santa Clara, na “região do semiárido” piauiense, no centro-sul do estado. A estudante encontrou, em

² O projeto se intitula “Dinâmicas Sociais e Ruralidades Contemporâneas: Análise dos Impactos Culturais Locais de Diferentes Propostas de Desenvolvimento Econômico no Piauí (Apicultura, Soja, Biodiesel e Celulose)”.

³ O projeto se intitula “Campos de Desejos: Família, Gênero e Sexualidade no Mundo Rural Piauiense” e contou, de 2010 a 2012, com recursos do Edital Universal – 2010, de uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e de uma Bolsa de Iniciação Científica do mesmo órgão de fomento para a aluna Francisca Célia da Silva Costa, coautora deste texto. A pesquisa se insere nas atividades do grupo de pesquisa Sexualidades, Corpo e Gênero (SEXGEN), liderado pelo Prof. Fabiano de Souza Gontijo.

sua “etnografia da terra prometida”⁴, famílias de “tipos” bastante diversificados, que dificilmente se encaixam nos modelos “tradicionais” de famílias rurais descritas pela vasta literatura existente nas Ciências Humanas brasileiras (e estrangeiras) sobre o assunto. Apesar de não ser o foco da pesquisa da estudante, ela se deparou, no convívio com a comunidade estudada, com o caso de uma travesti que exercia certa influência na gestão política dos conflitos na comunidade. O mais interessante era o fato de que, aparentemente, a travesti em questão não seria alvo de forte preconceito por parte de homens e mulheres da comunidade, fossem eles, de um lado, parceiros ou, de outro, empregados da administração da empresa gestora do empreendimento de assentamento. Essa situação foi confirmada por outra estudante da segunda turma do mesmo curso, Joyce Kelly da Silva Oliveira, que também se interessou pela Fazenda Santa Clara, mais especificamente pela relação, muitas vezes conflituosa, entre parceiros e administradores⁵.

A partir dessas conversas, decidimos dar ênfase, em nossas pesquisas, aos “desvios e divergências” (VELHO, 1985) relativos às construções identitárias no mundo rural – em particular, no que diz respeito à diversidade sexual e de gênero – para apreender os significados das relações sociais globais vigentes nesse contexto contemporâneo de grandes transformações sociais e culturais –, vinculadas, em particular, em nosso caso, à implantação da lógica do agronegócio no Piauí. A pesquisa voltou-se, assim, para a maneira como os “padrões hegemônicos de normalidade” são (re)interpretados e experimentados (talvez às avessas) em contextos culturais distintos, criando *novos* sujeitos imbuídos de *novas* moralidades e (até mesmo) constituindo *novas* legalidades.

Apresentaremos aqui alguns esboços de reflexões preliminares sobre a maneira como a diversidade sexual e de gênero é experimentada no mundo rural piauiense, em meio às discursividades hegemônicas instituidoras do desenvolvimentismo e da heteronormatividade⁶. Para tanto, vamos nos servir da narrativa da trajetória de vida (BAUMANN, 1986; BOURDIEU, 1996) de Vanessa⁷, nossa interlocutora autodeclarada travesti da Fazenda Santa Clara.

⁴ A dissertação de mestrado da estudante teve por título “Etnografia da Terra Prometida: trajetórias sociais, conflitos e cotidiano dos/as camponeses/as parceiros/as da *Brasil EcoDiesel* – O caso da Fazenda Santa Clara, no Piauí” e foi defendida em março de 2011.

⁵ A dissertação de mestrado da estudante teve por título “Fazenda Santa Clara: encontros e desencontros entre camponeses/parceiros e a *Brasil Ecodiesel* em um assentamento rural privado no sul do Piauí” e foi defendida em agosto de 2012.

⁶ O termo teria sido forjado pelo professor e crítico literário norte-americano Michael Warner (*Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory*. Minneapolis/Londres: University of Minnesota Press, 1993).

⁷ Pseudônimo.

Antes, esboçaremos alguns esclarecimentos sobre o que entendemos por discursividades do desenvolvimentismo e da heteronormatividade.

*

Foucault, por um lado, e Maingueneau, por outro, discorreram acerca do caráter *fundador* ou *constituente* do discurso quando institui verdades e se torna discursividade. Para o primeiro, os discursos fundadores podem gerar efeito de cientificidade e de verdades não questionadas (FOUCAULT, 2007), já que, como para o segundo, “os discursos constituintes dão sentido aos atos da coletividade” (MAINGUENEAU, 2006, p. 35) e servem de “fiadores de outros discursos e que, não tendo eles mesmos discursos que os validem, devem gerir, em sua enunciação, o seu estatuto, de alguma maneira autofundado” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 126). A realidade seria assim construída socialmente e formulada culturalmente através do discurso instituidor, fundador ou constituinte.

Os campos discursivos seriam, para Bourdieu (1983), os espaços simbólicos de operacionalização da instituição das discursividades e funcionariam por meio do capital linguístico, para manter o poder simbólico de instituição de verdades através de certos discursos em detrimento de outros. Ou, como propõe Maingueneau (1993, p. 116-7), “o 'campo discursivo' é definível como um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo [...]”. Os campos discursivos, por sua vez, estabelecem homologias com outros campos discursivos e outros campos sociais, definindo-se, assim, as discursividades dominantes e instauradoras de verdades e as discursividades dominadas.

Uma poderosa discursividade encenada pelo “Ocidente” – e o “Ocidente” seria também uma discursividade – é aquela instituidora da oposição entre o *moderno* e o *tradicional*, como bem observou Said (2003). Essa oposição é hierarquizada e traduz a própria ideia do *desenvolvimento*, colocando, de um lado, positivamente, a necessidade da eterna (e efêmera) mudança ordenada e progressiva, o culto ao futuro, a veneração da novidade, o “avanço da tecnologia” como marcas do desenvolvimento, por oposição, de outro lado, negativamente, à continuidade (ou continuísmo), ao passado e ao “atraso”, à repetição, à técnica... Assim, o desenvolvimento, ora içado a desenvolvimentismo, propõe, no âmbito de seu modelo de imposição de normas e valores, uma (também) poderosa discursividade acerca da família, da experiência conjugal, da vivência parental e, por conseguinte, das relações de gênero e das práticas sexuais – o “dispositivo de sexualidade” de Foucault (1988) –, ou seja, a heteronormatividade, a “heterossexualidade compulsória”

e os “gêneros inteligíveis” (BUTLER, 2003), adequando os sujeitos – seus corpos e suas mentes – aos ideais desenvolvimentistas.

Ao escreverem sobre a solidariedade e o estabelecimento de vínculos sociais no então conturbado momento de estruturação da modernidade e do industrialismo enquanto novo modelo societal ocidental e poderosas discursividades, Durkheim, por um lado, e Simmel, por outro, acabaram por gerar subsídios para a manutenção de um certo *status quo* definido pela modernidade e pelo industrialismo. É assim que Durkheim afirma que a família moderna se centraria mais nas pessoas do que nos bens, como a família “tradicional” do *Ancien Régime*. Os esforços da família se concentrariam em alguns poucos filhos e as relações entre os membros seriam mais personalizadas. O funcionamento e a forma da família dependeriam da morfologia da sociedade e, assim, o enfraquecimento do “comunismo familiar” estaria diretamente ligado ao fortalecimento do individualismo (DURKHEIM, 1975), daí a singularização dos gêneros...

Já para Simmel (1988), o núcleo duro da família seria a relação entre a mãe e o filho (universal), mais do que a relação entre o marido e a mulher (particular). Simmel avança quando aponta que a apropriação privada dos bens teria incitado a transmissão do patrimônio e da herança baseada no sangue, assim fortalecendo a ideia de paternidade e a necessidade da fidelidade conjugal (por parte da esposa), donde a monogamia e o amor – isso, nos contextos urbano e rural. Para ele, a entrada em vigor do casamento monogâmico, decorrente de circunstâncias econômicas e sociais, teria levado ao sentimento específico de amor e à necessidade da fidelidade. Na modernidade, porém, o sentimento é que levaria ao casamento⁸.

Mais do que descrições das relações sociais vigentes nos séculos XIX e XX, essas análises podem ter servido de base ideológica para as discursividades que estão na fundamentação da estruturação das relações sociais ortodoxas típicas da modernidade, dentre as quais as relações de gênero. Essa discursividade ou base ideológica é que estaria sendo questionada nas últimas décadas do século XX e primeira do século XXI, levando ao surgimento – ou à visibilização – das “*novas famílias*”, “*novas conjugalidades*”, “*novas*

⁸ “Assim como o amor foi a consequência do casamento, até que o casamento tenha se tornado uma consequência do amor, assim também o amor é uma consequência da procriação da nova geração, até que se instale o estado inverso conhecido hoje em dia. Essas duas inversões revelam bem claramente que a evolução histórica, partindo do interesse social e da norma social, leva cada vez mais ao critério do interesse pelo indivíduo: o casamento representa o interesse social diante do interesse individual do amor, e no seio de uma outra categoria, a existência e a assistência à nova geração representam o interesse social diante da causa pessoal do casamento” (SIMMEL, 1988, p. 54, tradução nossa). A diferenciação de gênero moderna teria se desenvolvido, logo, a partir do individualismo burguês.

parentalidades”, “*novo homem*”, “*nova mulher*”, “*novos sujeitos de direitos*”, “*novas moralidades*” etc. e à projeção midiática dessas “novidades”, num momento de luta por reconhecimento, respeito à diversidade sexual e de gênero e consolidação dos direitos diferenciados.

Para Bourdieu (1993), no entanto, a família é – como toda instituição moderna – uma “ficção bem fundada”, uma palavra de ordem, um princípio coletivo de construção da realidade coletiva. A família, como categoria social objetiva (estrutura estruturante), estaria no fundamento da família como categoria social subjetiva (estrutura estruturada), categoria que é o princípio de milhares de representações e ações (os casamentos, por exemplo, ou as diferenças de gênero) que contribuem para reproduzir a categoria social objetiva. O acordo quase perfeito que parece se estabelecer entre categorias subjetivas e categorias objetivas funda uma experiência do mundo como evidente, natural, não questionada; e nada parece mais natural e universal do que a família e o sentimento de que é a depositária, o amor. Nada parece mais natural do que a configuração bipolarizada das relações de gênero, a masculinidade dominante e a feminilidade dominada.

Se a família se torna, assim, uma “estrutura estruturada estruturante”, analogamente, “certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do 'real' e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem-sucedida”, conforme Butler (2003, p. 58), ou seja, como uma estrutura estruturada estruturante na base das relações familiares, dos arranjos amorosos, dos repertórios de gênero e dos *scripts* sexuais e do desejo.

Como se caracteriza, a partir desse contexto teórico, uma família rural? Em contraposição tanto à visão dicotômica – que forja uma suposta oposição entre o “rural” e o “urbano” como espaços-tempos autônomos baseados nas singularidades de suas atividades econômicas – quanto à do *continuum* – que postula a predominância de um processo de homogeneização que reduz a distinção entre o rural e o urbano a um *continuum* dominado pela cena urbana (DUBY, 1984) –, sustenta-se, aqui, junto com Carneiro (1998), a necessidade de proceder a análises mais específicas do rural, “[...] centradas nas relações sociais que se desenvolvem a partir de processos de integração das aldeias à economia global” (CARNEIRO, 1998, p. 4).

Esse processo, em vez de diluir as diferenças, pode propiciar o reforço das identidades apoiadas no pertencimento a uma localidade. Segundo Carneiro (1998, p. 4), a ligação ao território serve de base sobre a qual “[...] a cultura realizaria a interação entre o rural e urbano de um modo determinado,

ou seja, mantendo uma lógica própria que lhe garantiria a manutenção de uma identidade”. Assim, fala-se de ruralidades, no plural, como representações sociais que orientam “[...] práticas sociais distintas em universos culturais heterogêneos, num processo de integração plural com a economia e a sociedade urbano-industrial” (CARNEIRO, 1998, p. 12).

Como se configuram as relações de gênero, as práticas sexuais e a experiência da diversidade sexual e de gênero em situações rurais que estão sob o efeito de propostas particulares de desenvolvimento implantadas no Piauí?

*

Baseando-se nessa perspectiva das fortes discursividades do desenvolvimentismo e da heteronormatividade, iniciamos nossos trabalhos sobre as experiências conjugais e parentais homossexuais em Teresina e, agora, no mundo rural piauiense. Nossas incursões pelo mundo rural piauiense começaram pela Fazenda Santa Clara, situada na chamada “região do semiárido” do estado.

A Fazenda Santa Clara foi chamada oficialmente de “assentamento rural privado”, empreendimento realizado para servir de modelo sustentável de exploração da terra no Brasil, entre os municípios de Canto do Buriti e Elizeu Martins, a cerca de 360km de Teresina. No início do Governo do Presidente Lula, uma grande área na região do semiárido do Piauí, propriedade do estado, foi oferecida a então recém-criada empresa carioca Brasil Ecodiesel Indústria e Comércio de Biocombustíveis e Óleos Vegetais S.A. para o estabelecimento de um assentamento privado que teria por objetivo a produção de biocombustível à base de mamona (SILVA, 2011; OLIVEIRA, 2012).

No empreendimento, criado em 2004, foram assentadas mais de 600 famílias, dispostas em 21 células circulares (nomeadas por letras do alfabeto) compostas por 35 famílias/casas cada uma, em volta de um núcleo administrativo central (onde se encontram, além dos escritórios e moradias dos técnicos e administradores, um posto de saúde, uma escola de ensinos infantil, fundamental e médio, um centro de artes, três bares, dois mercados, um salão de beleza, uma oficina para bicicletas e motos, dentre outras facilidades oferecidas pela empresa).

Cada família recebia nove hectares, com a obrigação de dedicar oito à produção da mamona e um à produção para consumo próprio. A terra era cedida ao morador em regime de comodato e, ao final de dez anos, seria dividida entre as famílias parceiras, que passariam, então, a ser proprietárias da terra. No entanto, as metas de produção nunca foram cumpridas e o projeto

fracassou (SILVA, 2011; OLIVEIRA, 2012). Atualmente, a empresa administra a produção diversa do assentamento, à espera da data de entrega dos títulos de propriedade a cada família. Vanessa (pseudônimo) é membro de uma das primeiras famílias assentadas na Fazenda.

Vanessa⁹ foi batizada com o nome de Roberto (pseudônimo) no final dos anos 1980, em Manoel Emídio, uma pequena cidade do interior do Piauí, numa família de camponeses (pequenos agricultores). Tem duas irmãs e dois irmãos. Em 2000, mudou-se com a família para Colônia do Gurgueia, outra pequena cidade piauiense. Tinham casa própria, que o pai vendeu para ir para a Fazenda Santa Clara, em 2004.

Aos nove anos, teve sua primeira relação erótica com um primo, mais velho – tratava-se de beijos e abraços, configurando-se uma relação com penetração algum tempo depois. Hoje, o primo é casado e pai, mas, por ter-se tratado do primeiro, Vanessa ainda mantém um certo carinho – e desejo – por ele.

Em 2003, Vanessa foi para Brasília, onde morou durante sete meses. Inicialmente, na casa de uma amiga; depois, passava parte de seu tempo com uma amiga e o namorado da amiga, e outra parte, com seu namorado, um segurança de hotel. Até então, Vanessa se vestia como menino, passando a vestir-se de maneira mais feminina a partir daí, apesar de continuar usando o nome de batismo. Trabalhou numa lanchonete durante algum tempo, “ambiente cheio de macho”, segundo Vanessa. Saía com seu namorado “vestida de menina” – “botava peruca, maquiagem, tirava sobancelha” – e “eram respeitados”.

Com saudade dos pais, deixou o namorado, sem nenhum aviso, e voltou para o Piauí. Inicialmente, foi morar com uma tia em Canto do Buriti e, em seguida, na Fazenda, com seus pais.

Na Fazenda, sentiu-se muito discriminada, principalmente na escola, já que começou também a usar roupas mais “arrochadas” – *shorts* curtos e apertados e camisetas que deixavam a barriga à mostra. Conta que adaptava o uniforme escolar ao seu desejo de ser mais feminina (principalmente quando a escola deixou de ser administrada pela Fazenda, como instituição privada, e tornou-se instituição estadual, com tudo o que isso acarretou, como a mudança

⁹ Nosso encontro com Vanessa se deu em maio de 2011 durante um final de semana que passamos na Fazenda Santa Clara. Fomos recebidos e abrigados no núcleo da Fazenda pelos administradores (dois técnicos), a quem gostaríamos de agradecer pela acolhida. A entrevista foi realizada à noite, sentados à porta do posto de saúde. Depois da entrevista, Vanessa nos apresentou os diferentes espaços do núcleo da Fazenda e nos convidou para o ensaio da quadrilha junina. Foi a oportunidade para conhecermos diversas outras pessoas, todas moradoras da Fazenda. Antes da entrevista, e no dia seguinte à entrevista, visitamos algumas células, sempre acompanhados de Maria Elza Soares da Silva, a aluna que realizou pesquisa na Fazenda entre 2010 e 2011.

de uniforme). Reagiu à discriminação sendo ríspida e “ignorante” com todo mundo, “xingando e esculhambando” todos. Sentindo-se muito discriminada, evitava a escola e acabou adoecendo. Somente após algumas conversas com uma professora, decidiu voltar à escola, ainda que por pouco tempo.

Em maio de 2006, fugiu, “somente com a roupa do corpo”, para Brasília, a fim de reencontrar o namorado lá deixado. Pegou um dinheiro que sua mãe havia tomado emprestado (250 reais) e, como não tinha documentos, ofereceu sexo ao cobrador e ao motorista do ônibus para que aceitassem levá-la até Brasília, principalmente por ainda ser menor de idade. Ao chegar, descobriu que o ex-namorado tinha outra namorada, também “traveco” (termo usado por Vanessa), mas, ainda assim, morou um mês com ele e com a namorada. O ex-namorado pagou a passagem de volta de Vanessa e lhe deu o dinheiro necessário para que ela retribuísse à mãe.

Ao chegar à Fazenda, seu pai e seu irmão tentaram expulsá-la de casa, em vão. Ela acabou preferindo contar tudo sobre sua vida. Com a ajuda da mãe e da cunhada, seu pai e seu irmão passaram a entendê-la e a aceitá-la (termos frequentemente usados por Vanessa, “entender” e “aceitar”). A partir daí, o irmão se tornou seu melhor amigo e “protetor” – ela nos mostrou fotos do irmão que guardava carinhosamente em sua carteira. Ela sempre trabalhou na roça com o pai, só não sabe plantar, prefere colher – ela nos contou que trabalha na roça “vestida de homenzinho”. Passou a se assumir totalmente e a se vestir integralmente “como mulher”; adotou o nome de Vanessa após ter se empolgado com uma personagem de novela da TV Globo apresentada no programa Vídeo Show.

Mora com os pais, uma irmã e a sobrinha, ainda criança. Não se entende com a irmã, que, quando a filha tinha três meses, foi viver com um homem e deixou a criança para ser criada pela avó e por Vanessa. Hoje, a criança chama Vanessa de *mãe*. Os outros quatro sobrinhos a chamam de *tia*. O pai e a irmã que moram com ela chamam-na pelo nome de batismo, Roberto, enquanto a mãe e a outra irmã, também moradora da Fazenda, chamam-na de Vanessa. Na Fazenda, todos a chamam pelo nome feminino, mas muitos se referem a ela pelo nome masculino, como pudemos constatar durante nossa estadia – quando ela está presente, os empregados da administração chamam-na pelo nome feminino; quando estão reunidos entre eles, usam o nome masculino para reportar-se a ela, raramente em tom jocoso; os assentados, em geral, usam o nome feminino.

Na escola, todos passaram a respeitá-la, principalmente após o intenso convívio com os colegas, proporcionado pela preparação de uma peça

de teatro em 2006. A montagem da peça, na Fazenda, mudou sua vida. A peça foi dirigida por um renomado diretor da Rede Globo, levado à Fazenda pelo empresário, e contava a vida de São Francisco. Vanessa fez o personagem de Cristo na peça, mas ficou encarregada também dos figurinos, maquiagem e penteados. Um dos atores, morador da Fazenda, ficava totalmente nu na encenação, o que, segundo Vanessa, não causou espanto, nem constrangimento, à população local, já que todos estavam acostumados aos ensaios frequentes que aconteciam no núcleo da Fazenda.

Na montagem, aprendeu a ser menos rebelde e a respeitar os colegas, daí passou a ser respeitada, segundo conta – com grande frequência, Vanessa fala de “respeito”, geralmente associado a “entender” e a “aceitar”. Para obter respeito, (man)teve relações sexuais com todos aqueles que a criticavam, como forma de controlá-los e conquistar a confiança deles: “assim, eles não podem falar de mim, porque todos já transaram comigo”. Hoje, diz “amar a todos” e se sente “amada por todos”.

A peça foi encenada em diversas cidades do Piauí, mas a Fazenda não levou o projeto adiante. Atualmente, está sendo retomada, com financiamento do prefeito de Canto do Buriti e de um vereador, para ser encenada num festival em Juazeiro, Bahia. Vanessa está eufórica e conta que passa parte de seu tempo, quando não está na internet na escola (usando as redes sociais), limpando e cuidando do antigo figurino. Para ganhar algum dinheiro, trabalha de maquiadora e cabeleireira, além de figurinista, sobretudo no período junino, com as quadrilhas e encenações de pequenas peças (conta que, no ano da entrevista, 2011, uns professores e artistas locais estavam encenando uma peça para alertar a população sobre as queimadas e uma outra, que seria encenada junto com a quadrilha local, sobre os riscos da AIDS, já que se fala de um caso na Fazenda).

Quanto aos relacionamentos, o mais duradouro foi com um rapaz da Fazenda, de 17 anos, atualmente vivendo em outra região. Durou um ano e oito meses e terminou quando Vanessa soube que ele mantinha um relacionamento heterossexual com uma moça evangélica. Uma noite, bêbada, Vanessa ameaçou a amante e ele foi embora da Fazenda. Tinha relações sexuais com o irmão do rapaz também, às escondidas. Hoje, mantém relações sexuais com diversos homens da Fazenda, em sua maioria casados. Ela conta que se senta nos bares e fica à espera, até que um ou outro lhe ofereça cerveja ou cigarro e se sente para conversar com ela. Diz que “ninguém desconfia”, já que as pessoas acham que se trata somente de “amizade” – e também porque muitos desses homens já tiveram relações sexuais com ela.

Vanessa tem trânsito livre entre as casas e bares, pois é muito querida. Ela pode frequentar os bares tanto para homens como para mulheres, o que facilita seus encontros amorosos (no núcleo, dois bares são frequentados exclusivamente por homens e o terceiro, por homens e mulheres separadas). Por isso, Vanessa diz que “ser traveco é melhor que mulher, a gente vai onde quer e ninguém impede a gente de nada! Quem termina na moita com os homens sou eu!”

Manteve, durante algum tempo, um relacionamento com um homem casado de Colônia do Gurgueia. Ela se tornou amiga da mulher dele e ajudou a criar os três filhos dele, quando lá morou, na casa de sua tia. Conta também que ajudava a mulher a trair o marido com outros homens...

Nunca foi “ativa”, sexualmente falando, nem imagina o que seja! As relações sexuais acontecem no mato e nas moitas, nas estradas, nas veredas ou nos quartos dos professores e agentes de saúde que são emprestados nos finais de semana, quando o núcleo da Fazenda se esvazia de seus moradores, que estão nas cidades da região, e seus quartos acabam servindo como espécies de motéis de fortuna.

Apesar de ir com certa frequência a Canto do Buriti para beber com as amigas, nunca tem relações com pessoas de lá, nem gosta de “frequentar as travestis da cidade”, que se prostituem nos cabarés locais e nas estradas que cortam o Piauí (Vanessa não gosta da prostituição, mas respeita as escolhas pessoais de cada um).

Ela se diz mulher e, sendo assim, sonha em ter peitos fartos, tira os pelos com pinças e anda maquiada a qualquer hora do dia. Não quer se operar, apesar de rejeitar totalmente seu órgão masculino.

Sua família nunca foi religiosa, mas ela foi batizada na Igreja Católica. Na Fazenda, não há templos católicos, somente cultos evangélicos em algumas células e uma Assembleia de Deus próxima ao Núcleo.

Vanessa se formou em 2011 no Ensino Médio e não sabia o que ia fazer depois. Gostaria de trabalhar em teatro, na área de maquiagem e cabelo. Gosta da vida na Fazenda, mas pretende sair para conhecer outros lugares, nunca mais Brasília. Porém, pretende voltar para a “zona rural” depois de passar por uma grande cidade...

Ela nos fala de um casal de “sapatona, né, lésbicas assumidas” que vive numa das células (não são camponesas) e de um rapaz “provavelmente gay, pelos trejeitos e o jeito de andar, só tem colega mulher”, seu colega de

escola. Gostaria de conhecer mais gente “como ela”, como quando esteve em Teresina para a peça de teatro e se sentiu “em casa”.

*

Vanessa escolheu seu “nome de mulher” ao assistir um programa de televisão, veste-se como qualquer jovem de sua classe frequentadora dos *shoppings* de Teresina e tem como principal atividade de lazer o uso da internet e, em particular, das redes sociais... sem deixar de ajudar seu pai na roça e maquiagem e “fazer o cabelo” das mulheres do assentamento! Outros jovens e menos jovens moradores do assentamento têm hábitos parecidos com os de Vanessa, sobretudo no que diz respeito ao uso da internet. Durante nossa pesquisa de campo, os jovens componentes da quadrilha junina estavam assistindo, pela internet, coreografias de outras quadrilhas e escolhendo suas roupas a partir de modelos apresentados em *sites* de Festas Juninas mais badaladas (como a de Campina Grande ou a de Caruaru). O “urbano” estaria invadindo o “rural”? Ou o “rural” nunca foi esse lugar tão isolado e singular, como uma vasta quantidade de estudos, principalmente franceses, tentou forjar? As discursividades desenvolvimentistas e heteronormativas reproduzem a verdade não questionada de um “urbano” civilizador que deve se sobrepor a um “rural” a ser civilizado, mas a trajetória de Vanessa parece mostrar outra realidade¹⁰.

Ferreira (2008) aponta para o fato de que há uma ideologia (discursividade?) que faz com que o sujeito rural brasileiro, ao nascer, já possua funções predeterminadas, dentre elas as de crescer, multiplicar e se sustentar com o suor do seu próprio rosto, condenando-se, assim, tudo que não esteja diretamente ligado ao seu trabalho, inclusive os desejos que são inerentes a esse sujeito. O autor fala de sexualidades silenciadas, esquecidas ou não ditas, em nome de uma “ruralidade idealizada”: o camponês é percebido como o indivíduo que trabalha para manter a sua prole numa relação em que não há lugar para práticas sexuais que não tenham como finalidade a procriação, estando a busca pelo leite condenada às “moitas” e aos “indizíveis” disseminados pelos ruídos. Os estudos rurais deixaram de lado (ou abordaram tangencialmente), durante muito tempo, essas temáticas consideradas periféricas, por não tratarem da relação do camponês com sua produção, privilegiando-se, assim, os estudos sobre economia doméstica, conflitos agrários, sindicatos rurais, migrações, dentre outros – isso se deve, talvez, à

¹⁰ Essa discussão pode parecer saturada e, até certo ponto, ultrapassada. Contudo, para melhor entender a dinâmica da relação entre “rural” e “urbano” no Piauí, traduzida a partir das categorias locais, para a oposição (não tão binária) entre “interior” e “cidade”, pode-se ler a dissertação de mestrado de Jaqueline Pereira de Sousa, defendida em 2011 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Piauí: *Exortanto Corpos – por uma antropologia dos ritos fúnebres*.

contaminação dos estudos rurais pelos ideais desenvolvimentistas e heteronormativos... ou, simplesmente, porque essas temáticas não faziam parte da agenda de pesquisas naqueles momentos.

Quando despontam sujeitos que vivenciam o seu direito à liberdade de escolha e que destoam dos sujeitos com comportamentos “funcionais”, tidos como “padrão”, são logo taxados de “desviantes” (VELHO, 1985). Assim, no que diz respeito à diversidade sexual e de gênero, o mundo rural piauiense estaria apresentando uma ruptura com uma forte discursividade, aquela referente à longa tradição heteronormativa? Ou as relações observadas no mundo rural piauiense seriam simplesmente o retrato – agora em cores – de uma realidade complexa e diversificada, muitas vezes negada pelos estudos rurais? Ou o que vemos diz respeito simplesmente à dinâmica mesmo da vida social como um todo, em qualquer contexto?

Através da trajetória de Vanessa, tentamos inferir sobre a operacionalização dos códigos de inteligibilidade que referenciam as relações de gênero, transformando-as nos “gêneros inteligíveis” de que trata Butler (2003), que pressupõem uma continuidade entre sexo/gênero/desejo/prática sexual. Assim, foi possível confirmar e “sublinhar a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à operação do binarismo hetero/homossexual para a organização da vida social contemporânea” (MISKOLCI, 2009, p. 154). Vanessa, além de residir num assentamento rural e se dizer “traveco” – “ser traveco é melhor que mulher” –, se diz também católica não praticante, negra e pobre: as relações de gênero e a sexualidade participam da organização das relações sociais e se articulam com outros eixos de diferenciação nessa empreitada (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008), como classe, categoria socioprofissional, etnia, nacionalidade, religião, região de residência etc.

Vanessa, com sua trajetória ordinária – por comparação com as trajetórias consideradas como “extraordinárias” ou excepcionais, como as de Leila Diniz (GOLDENBERG, 1996), Janaína Dutra (SAMPAIO, 2011) ou Consuelo Caiado (KOFES, 2001) – nos permite alcançar e entender, assim, alguns mecanismos de articulação entre as categorias de diferenciação e as estruturas que geram e reproduzem a heteronormatividade e as desigualdades a ela atreladas. Entretanto, até mesmo num contexto de implantação de projetos de desenvolvimento econômico, muitas vezes insensíveis às particularidades locais e à diversidade cultural e, por conseguinte, sexual e de gênero, a trajetória de Vanessa parece demonstrar que há lugar para arranjos que destoem do modelo hegemônico e que negociações estão sempre em jogo. Vanessa é um caso pitoresco? Ou um caso comum nesse momento de grandes transformações sociais e culturais e de fortes rupturas?

Referências

- BAUMAN, Richard. *Story, Performance and Event: contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Linguísticas. In: ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. À Propos de la Famille comme Catégorie Réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 100, 1993.
- _____. A ilusão biográfica. In: _____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 26, 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 53-75, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DUBY, Georges et al. (Org.). *Histoire de la France Rurale*. Paris: Seuil, 1984.
- DURKHEIM, E. Introduction à la Sociologie de la Famille. In: _____. *Textes III. Fonctions Sociales e Institutions*. Paris: Minuit, 1975. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_1/socio_de_la_famille.html>. Acesso em 2008.
- _____. La Famille Conjugale. In: _____. *Textes III. Fonctions Sociales e Institutions*. Paris: Minuit, 1975. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/textes_3/textes_3_2/famille_conjugale.html>. Acesso em 2008.
- FERREIRA, Paulo Rogers. *Os Afectos Mal-Ditos*. São Paulo: Hucitec, 2008
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2007.
- GOLDENBERG, Mirian. *Toda Mulher é Meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- KOFES, Suely. *Uma Trajetória em Narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- _____. *Cenas da Enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, 2009.

OLIVEIRA, Joyce Kelly da Silva. *Fazenda Santa Clara: encontros e desencontros entre camponeses/parceiros e a Brasil Ecodiesel em um assentamento rural privado no sul do Piauí*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

PISCITELLI Adriana. Interseccionalidades, Categorias de Articulação e Experiências de Migrantes Brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

SAID, Edwar. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SAMPAIO, Juciana. *“Eu sou Aquilo que seus Olhos Veem”*: a vida de Janaína Dutra em meandros heteronormativos. Projeto de Pesquisa de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. 2011. Mimeo. 24f.

SILVA, Maria Elza Soares. *Etnografia da Terra Prometida: trajetórias sociais, conflitos e cotidiano dos/as camponeses/as parceiros/as da Brasil EcoDiesel: o caso da Fazenda Santa Clara, no Piauí*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

SIMMEL, Georg. Sua la Sociologie de la Famille. In: _____. *Philosophie de l'Amour*. Paris: Rivage, 1988.

SOUSA, Jaqueline Pereira. *Exortando Corpos: por uma antropologia dos ritos fúnebres*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

VELHO, Gilberto. *Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.